



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

COESÃO TEXTUAL: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO LEXIAL NA PROVA DE
REDAÇÃO PARA O ENEM

SILVIO HELENO CORREIA PINHEIRO

BRASÍLIA, 18 DE DEZEMBRO DE 2017



SILVIO HELENO CORREIA PINHEIRO

COESÃO TEXTUAL: UM ESTUDO SOBRE A COESÃO LEXIAL NA PROVA DE
REDAÇÃO PARA O ENEM.

Monografia apresentada ao curso de graduação em Língua Portuguesa e respectiva literatura da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em Letras Portugêses, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Ormezinda Maria Ribeiro.

BRASÍLIA, 18 DE DEZEMBRO DE 2017.

PINHEIRO, Silvio H. C.

Coesão textual: um estudo sobre a coesão lexical na prova de redação para o ENEM.

Orientação: Ormezinda

Maria Ribeiro

32 páginas.

Projeto final em Letras Português, Departamento de Linguística, `Português e Línguas Clássicas – LIP, Instituto de Letras – IL, Universidade de Brasília - UnB.

Brasília – DF, 2018.

1 – Redação, 2 – Texto, 3 – Coesão, 4 – Léxico, 5 - Semântica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela paz concedida, por livrar-me nos perigos e cuidar do meu futuro. À minha Professora de Estágio 2 e orientadora neste projeto de Curso, Professora Ormezinda Maria Ribeiro, por sua dedicação, zelo pelo ofício e por ter despertado em mim o interesse pelo estudo da coesão e pelo texto bem escrito. Ao meu saudoso pai, Mamédio Limas, por sua humildade e honradez, por seu exemplo de dignidade e resiliência, que tanto me encorajou mesmo não estando ele aqui. À minha mãe, Maria do Carmo Pinheiro, por tantas horas de sono perdidas e tanto trabalho para alimentar, cuidar e educar sete filhos. Á querida Viviane Portela, por ser a mais certa e agradável companhia para os assuntos complexos e os triviais e por ter estado comigo em um dos momentos que mais precisei.

Dedico este trabalho à Universidade de Brasília, por tantas vezes ter sido minha segunda casa; aos meus vários professores que vibraram com minhas superações; aos meus alunos por me darem a oportunidade de aprender e crescer com eles; à minha família e em especial, aos amigos parceiros em incontáveis horas de estudos, Wilson Ribeiro e Diogo Alexandre.

Sumário

RESUMO	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	9
CONCEITOS PERIFÉRICOS AO ESTUDO DA COESÃO	9
1.1 - Texto e textura.....	9
1.2 - Elo coesivo e coesão.....	10
CAPÍTULO 2	12
COESÃO GRAMATICAL	12
2.1 – Coesão por Referência	12
2.2 – Coesão por Substituição	13
2.3 – Coesão por Elipse	13
2.4 – Conjunção	15
CAPÍTULO 3	15
COESÃO LEXICAL	15
3.1 - Reiteraões por Repetião	16
3.2 - Reiteraões por Sinônimos	18
3.3 - Reiteraão por Hiperônimo/Hipônimo.....	18
3.4 - Reiteraão por Palavra de Sentido Geral.....	19
3.5 - Coesão Lexical por Colocação	20
3.5.1 Pares Complementares.....	21
3.5.2 Conversos	21
3.5.3 Contrastes não Binários	22
3.5.4 Parte Parte / Parte Todo	23
3.6 – Hiperônimo.....	24
CAPÍTULO 4	25
ANÁLISE DA COESÃO LEXICAL EM PROVAS DO ENEM.	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	32

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a coesão lexical. De acordo com Halliday e Hasan (1976), autores sobre os quais se fundamenta essa pesquisa, a coesão textual se divide em dois grupos: coesão gramatical e coesão lexical. Sendo que a gramatical, se efetiva por meio de itens gramaticais como pronomes e artigo definido, e a lexical por meio de qualquer par de vocábulos que tenham entre si uma relação lógico-semântica dentro de um mesmo texto. De um modo geral, os candidatos que pretendem ingressar em uma universidade por meio do ENEM, enfrentam dificuldades quando se deparam com a prova de redação, e a construção de um texto coeso é uma dessas barreiras. Embora existam muitas publicações a respeito da produção textual, pesquisas no campo da coesão lexical ainda são escassas. Um estudo que se ocupa da coesão deve levar em consideração que uma rede coesiva se faz com a interação entre a coesão e outros elementos que de igual modo contribuem para o resultado final do texto; nesse sentido, o trabalho se inicia apresentando a definição de texto, textura, elo coesivo e da própria coesão. Para um efeito comparativo entre os dois grupos de coesão propostos por Halliday e Hasan, o trabalho traz uma abordagem sobre a coesão gramatical e suas subdivisões, a saber: coesão por referência, substituição, elipse e conjunção. Voltando ao seu foco principal fornece uma detalhada análise da coesão léxica e suas respectivas subdivisões. Após o levantamento teórico o estudo analisa duas redações de candidatos que participaram do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, no ano de 2016 e obtiveram nota máxima na prova de redação, examinando como a coesão lexical foi empregada nessas redações. O objetivo é analisar de que forma os recursos da coesão lexical estão presentes em textos que obtiveram pontuação máxima no exame nacional, de que forma essa modalidade de coesão pode contribuir para um texto elegante e fluido, e também, desmistificar a ideia de que a repetição do mesmo item lexical traz prejuízo à coesão textual.

INTRODUÇÃO

De forma geral, os concluintes da educação básica, ao se deparem com a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, ou outros processos seletivos voltados para o ensino superior, enfrentam grandes dificuldades na hora de redigir. A principal barreira reside na organização das ideias e o sequenciamento delas na escrita. Mas qual seria o motivo dessa realidade? Em um momento em que as provas de redação vêm adquirindo cada vez mais relevância nos processos seletivos tanto para vestibulares quanto para concursos públicos, faz-se necessário um olhar mais atento a fim de que sejam identificadas as causas dessa dificuldade para escrever e apontar possíveis soluções.

Apontando como fator dessa deficiência por parte de nossos alunos, Antunes (2009) lembra que até recentemente as propriedades textuais não constavam nos programas de ensino, nem mesmo dos cursos de Letras. Os livros didáticos omitiam quanto ao estudo dessas propriedades. Até mesmo algumas Gramáticas que lhes serviam de suporte se limitavam à exploração das classes gramaticais, das funções sintáticas dos termos de uma oração ou da classificação dos períodos. Prevalciam, por esse viés, as atividades de formar, de completar e de analisar frases, sempre, na perspectiva puramente morfológica ou sintática e, não na perspectiva do uso funcional. O texto ficava de fora dessa programação.

No entanto, os estudos no âmbito textual têm crescido muito. Atualmente, é comum encontrar pesquisas e estudos envolvendo a linguística textual, sobretudo aquelas ligadas aos tipos e aos gêneros de texto, à intertextualidade, à coesão, à coerência, ao processo da referenciação, às atividades de leitura e de escrita. Contudo, quando se fala em coesão do texto, a predileção maior continua sendo pela referenciarão – coesão gramatical. Publicações sobre a coesão lexical continuam em número reduzido. O ensino escolar não pode ignorar essa abertura no campo da escrita e deixar de lado a importância da coesão feita por meio da semântica. É de fundamental importância que o aluno, ao terminar o ensino médio, mais que analisar o período nos níveis sintático e morfológico, consiga entender o texto nos níveis semântico e funcional.

Ao contrário da coesão gramatical feita dentro de um grupo fechado de itens cuja função é quase exclusivamente reativar outros itens de um texto, a lexical se efetiva em um campo aberto e com infinitas possibilidades, por meio da seleção de um item vocabular para referir-se a algum elemento do texto com o qual tenha alguma relação de sentido. O presente trabalho, de acordo com a proposta de Halliday e Hasan (1976), e por intermédio da análise de recentes redações que alcançaram pontuação máxima na prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio, sem a pretensão de estabelecer um parâmetro, vem contribuir com o Professor que trabalha redação, como mais um material que indica a tendência da banca examinadora na hora de avaliar a competência da coesão na prova de redação.

CAPÍTULO 1

CONCEITOS PERIFÉRICOS AO ESTUDO DA COESÃO

1.1 - Texto e textura

Conforme preceitua Schmidt (1978) citado por Gonçalves (2000), a textualidade é a forma natural da realização das línguas, é o modo pelo qual os sistemas linguísticos reúnem as condições de sua expressão. A textura é a forma como essas condições impostas pelos sistemas linguísticos se organizam a fim de construir uma ligação que resulte na unidade textual. Na prática, qualquer interação verbal, longa ou breve, independente do seu fim, ocorre em textos. "Estudar as formas de se constituir a coesão seria, portanto, investigar os recursos que a língua tem para criar essa textura" Gonçalves (2000).

A concepção de texto abordada nesse estudo será a apresentada por Halliday & Hasan (1976). Para esses autores, será considerado texto, qualquer expressão linguística, escrita ou falada, independente do seu tamanho, desde que forme um todo, um conjunto com sentido. Assim, a ocorrência textual é regulada por um conjunto de propriedades linguísticas e extralinguísticas que se relacionam, e se fundem na construção textual, de modo que a aplicação de uma está sujeita aos parâmetros de aplicação da outra.

Em relação ao texto linguístico, as palavras, à medida que vão aparecendo, devem sujeitar-se a determinados princípios de organização. O texto dispõe de uma superfície linguística, no interior da qual, as palavras devem obedecer a uma determinada organização, por isso, a consciência de que apenas uma série de palavras ou sentença não constitui um texto. Para que ele exista, é necessário que essa organização superficial esteja entrelaçada à organização semântica, a fim de que o sentido seja de fácil percepção ao que lê. Portanto, existem traços que são característicos de um texto, mesmo que efetuados de forma intuitiva, a textura é um deles.

Conforme assinala Gonçalves (2000), a textura é o conceito chave da teoria de Halliday & Hasan. É foco do trabalho dos referidos autores. Ela consiste no

conjunto de recursos que a língua dispõe para se expressar. Ainda, segundo Gonçalves, a teoria da textura é uma resposta à pergunta de qual seria a linha fronteira entre um texto e um amontoado de palavras. Logo, estudar as formas de construir a coesão significa investigar os recursos que a língua tem para criar a textura.

É importante ressaltar que a análise de coesão aqui em apreço, à luz da teoria que fundamenta este trabalho não é uma análise de relação de estrutura, pois, para os autores citados, relação de estrutura é aquela que existe entre os elementos de uma mesma oração, como a força coesiva da concordância verbal, nominal e outras. A relação coesiva aqui estudada é aquela que perpassa à oração, é a que se estabelece entre duas ou mais orações, entre períodos e parágrafos, construindo assim, a textura do texto.

1.2 - Elo coesivo e coesão

Por elo coesivo entende-se a relação de conexão entre dois elementos de um texto. Por meio da análise do elo coesivo podemos obter muitas informações a respeito do texto, como por exemplo, se é um texto escrito ou falado, ou a diferença entre gêneros literários. O uso dos elos coesivos é o fator que mais imprime a marca do redator em um texto, sua capacidade em estabelecer a relação coesiva é o que caracteriza seu estilo e possibilita a condução de elegância e ritmo ao texto.

Segundo Koch (1996) em definição do termo coesão, afirma-se tratar somente das relações do nível superficial do texto, ou seja, para a autora, diz respeito à forma como os elementos linguísticos se organizam para formar a superfície do texto.

[...] a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um 'tecido' (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente.

Já para Halliday & Hasan (1976), o conceito de coesão é estritamente semântico, os estudiosos entendem que ela corresponde às relações de sentido estabelecidas dentro do texto, as quais o definem como tal. Eles a dividem em dois

grupos: *coesão gramatical* e *coesão lexical*. Contudo, advertem que, ao se falar de coesão como sendo “gramatical”, não se deve considerá-la uma relação puramente de “forma”, como se o sentido não estivesse envolvido.

Antunes (2009), discorrendo sobre as propriedades textuais da coesão, destaca três: organização superficial do texto, continuidade superficial do texto e continuidade de sentido. O sentido global que um texto veicula requer mais que o aparato linguístico que se assenta em sua superfície, no entanto para que ele atinja status de funcionalidade, é necessário que as palavras nele presentes, à medida que vão aparecendo, se subordinem a determinadas regularidades de organização. A coesão constitui um conjunto de dispositivos que proveem essa organização da superfície linguística do texto.

A partir da organização superficial, um texto necessita apresentar um caráter de continuidade, ou seja, uma linearidade sequencial no tempo e no papel que demandam padrões específicos. “Dessa forma, a coesão, enquanto recurso desta organização superficial do texto preenche a função de pôr em inter-relação os vários segmentos que o constituem” Antunes (2009).

As regularidades presentes na organização superficial do texto devem correlacionar-se com as regularidades do mundo de organização do mundo das experiências, real ou imaginada, cujo conhecimento se pretende ativar pelo texto. “Assim, a coesão engloba um conjunto de recursos que promovem e assinalam a correlação entre a continuidade da superfície e a continuidade do sentido e concerne, assim, a uma semântica da sintaxe” Beaugrande (1980) citados por Antunes (2009). Dessa forma, a coesão é definida como fenômeno da organização superficial do texto, orientado para o estabelecimento da continuidade semântica que a natureza comunicativa do texto impõe.

No âmbito, da textualidade a coesão é também encarregada de manter o fio condutor do texto, ou seja, por meio de recorrências e retomadas, mantem a continuidade da sequência do texto. É papel da dela, manter o doseamento da informação, promovendo a harmonia entre o que já foi dito e o que está por vir, estabelecendo assim, um equilíbrio entre continuação e repetição. Nas palavras de Antunes (2009), o que progride no texto sobrevém como parte a mais do que já foi posto, de maneira que o filão que continua é o mesmo que progride.

CAPÍTULO 2

COESÃO GRAMATICAL

Halliday e Hasan (1976), como já fora citado acima, dividem o termo coesão em duas classes: **a coesão gramatical** e **coesão lexical**. A coesão gramatical, a qual será tratada neste capítulo, de acordo com Gonçalves (2000), refere-se à noção de vínculos e textura composto pelos elementos gramaticais dentro do texto. Esses vínculos podem ainda ser subdivididos em diferentes tipos de coesão gramatical: *referência, substituição, elipse e conjunção*.

2.1 – Coesão por Referência

Para Gonçalves (2000), há termos na língua que possuem a função de fazer referência, estabelecer vínculos entre elementos que já foram citados ao longo do texto (referência endofórica) ou que estão fora dele (referência exofórica). Quando a referência remete a elementos contidos no texto pode ser dividida em anafórica (quando o termo se refere a um elemento dito anteriormente) ou catafórica (termo que se refere a um elemento que o sucede). Em geral, coesão por referência é efetuada por meio de pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos.

Segundo Gonçalves (2000), as referências são categorizadas em 3 tipos: *pessoal, demonstrativa e comparativa*. **Pessoal** é feita por meio de pronomes pessoais e com funções adjetivas (possessivos) tais como: eu, tu, ele, nós, vós e eles - e - meu, teu, seu, nosso, vosso, seus. **Demonstrativa**, efetuada por meio de pronomes demonstrativos, tais como: *este, esse e aquele* - de advérbios pronominais: aqui, lá, e do artigo definido “o”, indicando graus de proximidade e especificidade no texto. A **comparativa** é realizada por meio de “identidade e similaridade”. Nesta são utilizados adjetivos em graus de comparação como; menor, igual, maior e etc e advérbios como “igualmente, “diferentemente”.

2.2 – Coesão por Substituição

De maneira geral, ocorre quando um termo **y** substitui um termo **x**, dito anteriormente no texto. Halliday & Hasan (1976) citados por Gonçalves (2000) designam substituição o efeito coesivo obtido na língua inglesa com o uso de palavras como o *one* e *do*. De acordo com esses autores, a substituição é um termo coesivo que não existe na língua portuguesa. No entanto, a elipse exerce um papel bastante semelhante com aquele desempenhado pela substituição em inglês. Segue um exemplo abaixo.

*Ex. The Peter's **car** is black. My **one** is white.* (Tradução - O Carro de Pedro é preto. O meu é branco.)

Nesse exemplo em inglês, o termo *one* (y) substitui a palavra *carro* (x) no segundo período exemplificado. Já na tradução para o português, a posição da palavra carro no segundo período ficaria vazia.

Conforme os autores citados acima, a ideia central da coesão por substituição em inglês, são itens como *one* e *do*, serem considerados como “coringas” - uma espécie de termo neutro. Utilizado para fins de se evitar repetições de elementos já ditos no corpo do texto.

2.3 – Coesão por Elipse

Como já mencionado, a elipse tem uma breve semelhança com a coesão por substituição, entretanto, aqui não há um termo com função de substituição, há apenas a ausência de uma palavra que fica subentendida, a depender do contexto.

Para Gonçalves (2000), a elipse não pode ser aplicada a todas as circunstâncias em que o leitor precisa buscar termos fora do texto. A ocorrência desse tipo de elipse é comumente aplicada em estruturas de fala, diálogos, nos quais, segundo Gonçalves, “se aponta para algo do contexto situacional e se diz, por exemplo ‘Quero um!’”. Por outro lado, essa coesão gramatical, de acordo com esse autor, precisa ser resolvida pelo próprio contexto linguístico. Logo, ela deve se

referir a elementos dentro do texto deixados subentendidos. Segue o exemplo abaixo.

Ex. João gosta de morango. Júlia Φ de amora.

Deduz-se no exemplo acima, o que falta na segunda oração (o termo **gosta**) baseada na semelhança gramatical que há em ambas as orações. Tal semelhança se dá na ocorrência, em ambas, de um sujeito, predicado e complemento nominal (preposicionado).

Portanto, a elipse, de maneira geral, se aplica a uma relação endofórica (interna ao texto), e em geral, anafórica (elemento que recorre a algo já dito no texto).

De acordo com Halliday e Hasan (1976) citados por Gonçalves (2000), a elipse pode ainda ser classificada em 3 categorias: **nominal, verbal e oracional**.

A **nominal** aplica-se a casos em que um elemento (nome) citado previamente em uma oração fica ausente em uma frase posterior, de maneira que pelo contexto essa ausência posterior seja preenchida pelo elemento ausente dito anteriormente.

Ex. Eu tenho dois belos quadros originais pintados por Van Gogh.

- Eu também tenho Φ , mas não são originais!

Nessa categoria de elipse toda uma estrutura nominal fica ausente na segunda oração, porém, fica subentendida que o interlocutor se refere a ele também ter quadros pintados por Van Gogh, mas não são originais.

A **verbal** são os casos em que o elemento pressuposto se trata de uma unidade sintática verbal.

Ex. José estuda espanhol. Júlia Φ mandarim.

Nesse exemplo, fica evidente que o verbo “estudar” presente na primeira oração é o elemento que preenche a lacuna da oração seguinte (Júlia “*estuda*” mandarim).

A elipse **oracional**, de acordo com Gonçalves (2000), refere-se a casos em que toda uma estrutura (oração) pode estar elíptica na segunda oração, inclusive o sujeito, por exemplo:

Ex. O que eles vão plantar nessa área? Φ abacaxis.

Ex. Você irá ao Rio de Janeiro nesse carnaval? Sim, Φ .

Subentende-se, em ambos os exemplos acima, que as primeiras orações preenchem as lacunas que faltam nas orações (resposta) que se seguem.

2.4 – Conjunção

Na fronteira entre a coesão gramatical e lexical Halliday & Hasan (1976), afirmam estar a coesão estabelecida pela conjunção. Ela faz parte de um grupo de elementos que têm força semântica mesmo não estando ligados anafórica ou cataforicamente a um antecedente textual, mas, sim, estabelecendo relações lógicas entre dois enunciados. A relação estabelecida por este elemento coesivo é a que faz ligação não de uma palavra à outra, mas sim entre o sentido de duas orações ou mesmo parágrafos, atando um ao outro. No caso da conjunção, existe, portanto, entre as duas orações, uma dependência semântica.

CAPÍTULO 3

COESÃO LEXICAL

Completando ao que Halliday e Hasan chamam de “O plano das relações coesivas”, partimos então para o estudo da coesão lexical – efeito coesivo que é alcançado por meio de da seleção de vocabulário. Um elemento lexical não é por si coesivo, ele adquire esse traço dentro do texto. Gonçalves (2000) adverte que a opção coesiva por termos lexicais é algo complexo, pois, ao contrário da gramatical que pertence a um grupo fechado, a lexical se faz em um conjunto aberto, correndo se assim, o risco de se optar por um item lexical não conhecido por um ou outro leitor.

Ao se lançar mão desse artifício coesivo, há que se saber que não existe uma linha fronteira entre os elementos que podem ser escolhidos e os que não podem. O que se pode dizer é que existem elementos mais prováveis e elementos menos prováveis. Portanto, o redator deve avaliar se os itens por ele escolhidos, de um modo geral é do conhecimento do público a que se dirige.

Neste capítulo adentraremos à coesão lexical e suas subdivisões, a saber: coesão lexical por reiteração e coesão lexical por colocação. Reiteração é forma de referencia entre dois itens lexicais, de forma que um termo precedente é retomado por um item lexical e não gramatical, que pode ser o mesmo item, um sinônimo, um termo hiperordenado ou uma palavra com sentido geral. Num primeiro momento analisamos as subdivisões da **coesão lexical por reiteração** e, por fim, a **coesão lexical por colocação**.

3.1 - Reiteraões por Repetição

Por tradição, a reativação de um elemento do texto pela repetição de um mesmo item lexical é avaliada de forma negativa. Nas salas de aulas, quanto em cursinhos pré-vestibulares, os textos que contem repetição são criticados como redundantes, circulares e mal estruturados. A consequência imediata dessa avaliação é que o estudante-redator perde tempo tentando encontrar um sinônimo perfeito para efetuar a referencia, ou acaba empregando termos que não possuem uma real equivalência, provocando assim uma perda semântica e por vezes, desvio do tema.

Koch e Elias (2016) veem na repetição uma estratégia básica de estruturação textual, observam elas que os textos que não se utilizam da repetição lexical, acabam recorrendo a estratégias paralelas como a repetição literal enfática, pares de sinônimos ou quase sinônimos, repetição da fala do outro, e assim por diante. Seguem afirmando ser impossível a existência de textos sem a repetição, dado o seu caráter de mecanismo essencial no estabelecimento da coesão textual. Ainda segunda as autoras, o mecanismo da repetição exerce no texto outro fundamento muito importante: o da persuasão, pois, a repetição funciona como meio eficaz de

martelar na cabeça do leitor/ouvinte a ideia transmitida e corrobora para o seu convencimento.

A defesa da repetição lexical como bom elemento coesivo também é compartilhada por Antunes (2012), ele compara o texto a uma peça teatral, a qual comporta um conjunto de atores, uma continuidade de eventos e de ações que culmina em um produto global que integra e justifica cada parte. Os atores principais atuam por um tempo maior e ocupam funções mais preponderantes, os atores de menor importância aparecem menos e não chegam a evidenciar na mesma proporção que os mais centrais. Tal como a encenação teatral, no texto, as palavras que aparecem numa maior frequência representam o tema central, os tópicos mais significativos ou os personagens centrais da trama.

Gonçalves (2000) aponta vantagem e desvantagem quanto ao uso do mesmo item lexical como elo coesivo. Como prejuízo aponta a possibilidade de causar efeitos de ambiguidade, como é possível notar no seguinte exemplo fornecido por ele.

Ex: Kuerten pode ficar só uma semana no topo. Kuerten optou por retornar ao Brasil após o título na França. (Folha de S. Paulo: p. D1 13/6/00).

Seria possível ter certeza de que o Kuerten da segunda oração é o mesmo da primeira? Apoiando-se em Halliday & Hasan (1976: 81), Gonçalves responde que não. Pelos estudiosos, não há como ter certeza, pois particularmente a repetição de nomes próprios não é uma instância em que se tem clareza de que a identidade dos itens seja a mesma. Nesse caso, o mais prudente seria usar o pronome “*e/e*”.

Pelo lado positivo, a repetição permite estabelecer a reativação de um item e o estabelecimento da relação coesiva mesmo quando ele está, dentro do texto, a uma maior distância do seu antecedente, o que não seria possível no âmbito da coesão gramatical, como por exemplo, no emprego do pronome “*ele*”, há maior possibilidade de causar ambiguidade, caso esteja distante do antecedente a que se refere.

3.2 - Reiteraões por Sinônimos

O emprego de sinônimos também é citado por Haliday & Hasan (1976) como meio para a construção da rede coesiva. Como se pode ver no seguinte exemplo apresentado por Gonçalves (2000).

O diabo das 8

[...] Não é a primeira vez que **o canhoto** é personagem de novela. Em Olho por Olho (1993), no horário das 7, um adolescente interpretado por Nico Puig tentava espantar **o cão-miúdo** expelindo raios vermelhos pelo olhar. Usando esse artifício, conquistou a personagem de Patrícia de Sabrit, mas a trama virou um pastelão e naufragou. Apesar desse revés, Aguinaldo Silva confia no carisma **do belzebu**. “No Brasil, as pessoas acreditam que **o diabo** realmente interfere em nossa vida, mais até que os santos”, aposta ele. [...] (Revista Veja: 11/08/1999).

No trecho retirado do texto, o item lexical é reativado três vezes por sinônimos e uma vez pela repetição, considerando-se o título. É possível notar nesse caso específico que o autor, além de estabelecer a relação coesiva por meio da repetição e dos sinônimos, quis também, usar a farta sinonímia como recurso textual para enfatizar o tema e também reafirma a tese de que o diabo é bastante popular. Outro ponto importante é que cada sinônimo reativador está acompanhado pelo artigo “o”, sugerindo ao leitor que se refere a algo já citado e conhecido por ele.

3.3 - Reiteração por Hiperônimo/Hipônimo

A coesão por intermédio de um termo hiperordenado é tida como parte da coesão por reiteração. Hiperônimos são palavras de sentido genérico, ou seja, palavras cujos significados são mais abrangentes do que os hipônimos, palavras com sentido mais específico.

Por exemplo:

Animais é hiperônimo de cachorro e cavalo.

Legume é hiperônimo de batata e cenoura.

Galáxia é hiperônimo de estrelas e planetas.

Já Hipônimos são palavras de sentido específico, ou seja, palavras cujos significados são hierarquicamente mais específicos do que de outras isto é, palavras que estão ligadas por meio de características próprias.

Por exemplo:

Maçã e morango são hipônimos de fruta.

Vermelho e verde são hipônimos de cor.

No estabelecimento da coesão dentro do texto, a escolha de usar um termo mais abrangente para reativar um mais específico, ou o contrário, é uma mera opção de estratégia textual, como se pode ver nos exemplos a seguir.

a. A polícia apreendeu o carro no centro da cidade. O Gol azul estava com o número de chassi adulterado.

b. Maria Célia não se conteve ao receber as rosas de Cláudio. Ela depositou delicadamente as flores sobre a mesa da sala.

c. O boi tentou escapar, mas não conseguiu. A multidão que corria pelas ruas de Pamplona conseguiu alcançar o animal.

3.4 - Reiteração por Palavra de Sentido Geral

A coesão por meio de uma palavra de sentido geral guarda grande semelhança com aquela que se efetiva entre itens superordenados. A diferença aqui é que a palavra em sentido geral possui um nível de generalização muito mais amplo, podendo funcionar como uma espécie de curinga. Algumas palavras como *coisa, evento, fato, ato, ideia, problema*, podem usadas para reiterar um enunciado inteiro e não apenas um elemento já citado, como no exemplo abaixo:

Ex: a) A Argentina impediu a entrada de vários produtos brasileiros. O fato repercutiu negativamente no Mercosul.

A palavra de sentido geral não tem em si força coesiva, ela a possui quando está associada ao seu determinante anafórico, por isso, o segundo item do par de itens de reiteração virá sempre acompanhada de um artigo definido ou pronome demonstrativo – elemento anafórico, remetendo o leitor a um item por ele já conhecido.

3.5 - Coesão Lexical por Colocação

Dentro da coesão lexical, a realizada pela **colocação** é tida como o segmento mais problemático, segundo autores Halliday e Hasan – (1976), quando citados por Gonçalves (2000). Enquanto em todos os outros exemplos de coesão (seja da classe gramatical ou lexical) o teor geral é sempre o da existência de um elemento lexical chave ao longo do texto que nos remete a outro item já citado, aqui, o uso desses termos é arranjado de maneira tal que haja força coesiva, um elo semântico, sem quaisquer “pares de itens lexicais que se sustentem em alguma relação de sentido”. Isso significa que duas palavras podem estar intimamente relacionadas em um texto sem nem mesmo terem sido mencionadas anteriormente em alguma oração. A essa interdependência, entre unidades lexicais na coesão por colocação, Scafuto (2007) designa de sintagmática, mas que, segundo ela; “projeta-se no plano paradigmático da língua por ser este constituído pelo conjunto de unidades que mantém entre si uma relação virtual de substituíbilidade.” Scafuto (2007).

Para Gonçalves (2000), esse elo coesivo que ocorre entre as palavras em um texto não necessariamente significa que seja por meio do uso de um sinônimo fazendo alusão a algo já mencionado nesse texto. Trata-se de expressões, palavras, que giram em torno de um “núcleo comum”. Por exemplo, esse autor mostra em seu trabalho do uso da expressão “*lavagem de roupa*” empregada em um texto extraído de uma revista. De acordo com sua explicação, em um ambiente linguístico há diversas possibilidades de itens lexicais coocorrerem juntamente com essa expressão. É o caso de palavras como *sabão*, *limpeza*, *enxague*, dentre outras.

Entretanto, coesão por colocação consegue ir muito além de palavras que a princípio conseguem estar próximas em termos lexicais. Gonçalves (2000), diz que Halliday e Hasan (1976), mesmo que não aprofundando a complexidade desse tipo

de coesão, sustentam-na quando apontam para a questão da *complementaridade*. De acordo com esses pesquisadores, palavras ainda que teoricamente antônimas podem ser coesivas. Um exemplo disso é a antonímia, quando se observa o uso da palavra *amor* em um texto, muito provável que também ocorra a palavra *ódio*. Segue um exemplo abaixo.

Ex. - O menino fez muita bagunça durante a festa.

Meninas não fazem muita bagunça.

Nesse exemplo, os termos meninos e meninas não são sinônimos e nem tão pouco estabelecem alusão um ao outro. Contudo, percebe-se que tais itens contribuem para dar textura ao texto. É a exemplos como esse, e a relação entre *alegria e raiva, homem e mulher, jovem e idoso*, dentre outros que Gonçalves (2000) e demais autores, atribuem a ideia de complementariedade (pares complementares).

Gonçalves (2000) traz uma série de grupos que podem ser classificados como elementos que efetivam a coesão por colocação: **pares complementares, conversos, contrastes não binário, parte parte/parte todo e hiponímia**

3.5.1 Pares Complementares

Diz-se de opostos lexicais (antônimos) que podem aparecer em um mesmo contexto de forma coesiva. Como fora citado acima, são pares opostos que co-ocorrem, em muitos casos são previsíveis e se complementam. Podem ser classificados ainda em *antônimos não graduáveis*: menino/menina; e *antônimos graduáveis*: quente/frio.

3.5.2 Conversos

Outra categoria de opostos são os que incluem pares do tipo marido/esposa, por exemplo. Gonçalves (2000) diz que esse grupo abrange todos os conversos em

que é possível inverter a predicação, de acordo com o seu exemplo, isso se apresenta da seguinte forma:

Ex. - X é marido de Y, então Y é mulher de X

X é pai de Y, então Y é filho de X

X matou Y, então Y foi morto por X

3.5.3 Contrastes não Binários

São elementos lexicais que, mesmo não sendo considerados antônimos, estão em escala de contraste, ou seja, a predicação de um desses itens pode negar a predicação de outro. É o caso de dias da semana e cores. De acordo com Gonçalves, não há polos extremos dentro desses exemplos, assim como na categoria anterior *homem/mulher*, no entanto, os elementos desses conjuntos estão em contraste entre si, são incompatíveis.

Essa categoria se divide em duas séries: **os organizados em séries** (conjuntos ordenados) e **os não ordenados**.

- **Conjuntos Ordenados:** essa série abrange elementos expressos que estão organizados de forma sequencial, quando há extremos e elementos distribuídos entre esses limites. Por exemplo, o levantamento de pesquisa de opinião sobre determinado setor que presta serviço a um órgão público: uma série ordenada que vai desde uma extremidade - *péssimo* a outra extremidade - *excelente*.
- **Não Ordenados:** não é possível observar extremos e nem uma ordem entre os elementos dessa série. É o caso das cores, por exemplo. Se algo é rosa, por incompatibilidade não pode ser verde. Logo, não há uma classificação de alinhamento, com exceção apenas, se estivermos falando de uma sequência de tons (de claro a mais escuro).

3.5.4 Parte Parte / Parte Todo

Diz-se de partes de um todo que são coesivas entre si. Gonçalves (2000) traz o exemplo de uma árvore, destacando que, se há em um texto a palavra árvore, é de se esperar que também ocorrerá a presença de palavras como folha, raiz, galhos ... Essas são parte de um todo (a árvore). Ou casos em que se lê sobre o corpo humano, espera-se que haja detalhes de partes desse corpo como pernas, braços, cabeça, dentre outros. Um conjunto de palavras que ajudam a tecer a textura coesiva de todo o texto. Veja o exemplo a seguir:

Ex. O setor de foto espera um cenário melhor.

É nítida a relação que há entre os itens lexicais *foto* e *cenário*. Tal relação proporciona a construção de uma textura coesiva. Entretanto, a palavra *foto* não está sendo empregada como sinônimo da palavra *fotografia*, a fim de reiterar o que se foi dito. Ambas agem de forma independente. Estão ligadas apenas pela semântica. O que exemplifica uma coesão lexical por colocação.

Percebe-se que itens lexicais (partes) que pertencem a “um todo”, possuem uma força de coesão entre si (como exemplo, *foto* e *cenário*) citados acima, e isso depende de alguns fatores, tais como: **proximidade no sistema lexical**, **proximidade no texto** e **raridade no texto**.

- **Proximidade no Sistema Lexical:** quanto mais uma palavra está próxima de outra em relação ao campo semântico, maior a probabilidade de coocorrerem em um texto. Por exemplo, fotografia, filme, revelação, cenário. São palavras tidas como hierarquizadas. Palavras semelhantes, quando a morfologia também estão incluídas nesse grupo, tais como cozinhar, cozinha ou variar, variação (radicais semelhante).
- **Proximidade no Texto:** quanto maior a distância entre dois itens em um texto, maior a probabilidade de perder a coesão entre ambos. Mesmo que sejam sinônimos ou morfologicamente semelhantes. No exemplo acima, *foto* e *cenário* não seriam tão coesos se separados por alguns parágrafos.

- **Raridade no Texto:** em geral, quanto menos frequente é um item em um texto maior será sua força coesiva. Itens lexicais que aparecem com frequência tendem a estar correlacionados com muitos outros itens.

3.6 – Hiponímia

Esse grupo é considerado como um mecanismo de coesão por reiteração, entretanto, também pode contribuir com coesão por colocação.

De acordo com Gonçalves (2000) dá-se o nome de hiponímia à relação existente entre termos específicos com um outro mais amplo, por exemplo: gato/animal; flor/planta. Ambos considerados elementos superordenados. Sendo *gato*, hipônimo de *animal*, *rosa*, de *flor* e, *animal* e *flor* hiperônimos (ou superordenado) de *gato* e *rosa*, respectivamente.

A hiponímia pode ser definida em termos de que um elemento (hipônimo) pode apresentar sentido unilateral mais amplo e compreensível que seu genérico (hiperônimo). Por exemplo:

Ex. João comprou um Gol.

Nessa frase, implica dizer que João comprou um carro, ou seja, parte-se de um universo específico em que fica fácil deduzir o termo mais amplo (carro). Entretanto, quando se diz: João comprou um carro... Não se pode deduzir que esse carro seja um *Gol*.

Percebe-se que esse grupo objetiva estabelecer elos coesivos entre ordens indefinidas de palavras. Principalmente da ordem de hipônimos e hiperônimos.

É importante observar que, segundo autores Halliday e Hasan (1976), também é possível encaixar o conceito de hiponímia a verbos. Por exemplo, os verbos *comprar* e *adquirir*, em que *comprar* é hipônimo de *adquirir*. Assim como, *adquirir* é co-hipônimo de *roubar* (pois quem rouba, adquire algo).

Todos esses exemplos mostram oposições, contrastes, pois, segundo Gonçalves (2000), é possível estabelecer contrastes como:

Ex. Ele não **comprou** este carro; **roubou-o**.

Observar-se a relação de contraste que é provocada pelos hipônimos e co-hipônimos. É necessário que haja assimetria entre tais itens lexicais. Caso contrário, serão apenas sinônimos recorrendo ao que se disse anteriormente.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DA COESÃO LEXICAL EM PROVAS DO ENEM

Os exemplos de relações coesivas abordadas ao longo do trabalho foram apresentados em trechos de publicações ou em frases elaboradas apenas para mera ilustração. No entanto, voltando ao propósito da pesquisa, passamos, então, a analisar como a coesão lexical foi empregada em redações que objetivaram pontuação máxima na prova de redação do ENEM no ano de 2016. A fim de que esta análise não se torne por demasiado longa e cansativa, não será considerada toda a rede coesiva, e sim, somente as relações estabelecidas por coesão lexical. Para isso escolhemos duas redações com o tema “Intolerância Religiosa”, as quais se encontram na internet sob domínio público.

Texto 1

1 "Profecia futurística¹"

2 Em meados do século passado, o escritor austríaco Stefan Zweig² mudou-se
3 para o Brasil³ devido à perseguição nazista na Europa. Bem recebido e
4 impressionado com o potencial da nova casa^{3.1}, Zweig^{2.1} escreveu um livro cujo
5 título é até hoje repetido: “Brasil, país do futuro”. Entretanto⁴, quando se observa a
6 deficiência das medidas na luta contra a intolerância religiosa no Brasil⁵, percebe-se
7 que a profecia^{1.1} não saiu do papel. Nesse sentido, é preciso entender suas
8 verdadeiras causas para solucionar esse problema^{5.1}.

9 A princípio, é possível perceber que essa circunstância^{5.2} deve-se a questões
10 políticas-estruturais. Isso se deve ao fato de que, a partir da impunidade em relação
11 a atos que manifestem discriminação religiosa⁶, o seu combate é minimizado e
12 subaproveitado, já que não há interferência para mudar tal situação. Tal conjuntura
13 é ainda intensificada pela insuficiente laicidade do Estado^{5.3}, uma vez que interfere
14 em decisões políticas e sociais, como aprovação de leis e exclusão social. Prova
15 disso, é, infelizmente, a existência de uma “bancada evangélica” no poder público
16 brasileiro. Dessa forma, atitudes agressivas e segregacionistas devido ao
17 preconceito religioso^{6.1} continuam a acontecer, pondo em xeque o direito de
18 liberdade religiosa, o que evidencia falhas nos elementos contra a intolerância
19 religiosa^{6.2} brasileira.

20 Outrossim, vale ressaltar que essa situação^{5.4} é corroborada por fatores
21 socioculturais. Durante a formação do Estado brasileiro, a escravidão se fez
22 presente em parte significativo do processo; e com ela vieram as discriminações e
23 intolerâncias culturais, derivadas de ideologias como superioridade do homem
24 branco e darwinismo social. Lamentavelmente, tal perspectiva é vista até hoje no
25 território brasileiro^{3.2}. Bom exemplo disso são os índices que indicam que os
26 indivíduos seguidores e pertencentes das religiões afro- brasileiras são os mais
27 afetados. Dentro dessa lógica, nota-se que a dificuldade de prevenção e combate
28 ao desprezo e preconceito religioso mostra-se fruto de heranças coloniais
29 discriminatórias, as quais negligenciam tanto o direito à vida quanto o direito de
30 liberdade de expressão e religião.

31 Torna-se evidente, portanto, que os caminhos para a luta contra a
32 intolerância religiosa^{6.2} no Brasil apresentam entraves que necessitam ser
33 revertidos. Logo, é necessário que o governo investigue casos de impunidade por
34 meio de fiscalizações no cumprimento de leis, abertura de mais canais de denúncia
35 e postos policiais. Além disso, é preciso que o poder público busque ser o mais
36 imparcial (religiosamente) possível, a partir de acordos pré-definidos sobre o que
37 deve, ou não, ser debatido na esfera política e disseminado para a população.
38 Ademais, as instituições de ensino, em parceria com a mídia e ONGs, podem
39 fomentar o pensamento crítico por intermédio de pesquisas, projetos, trabalhos,
40 debates e campanhas publicitárias esclarecedoras. Com essas medidas, talvez, a
41 profecia^{1.2} de Zweig^{2.3} torne-se realidade no presente.

Linha	TEXTO 1	
	ELEMENTOS USADOS	TIPO DE RELAÇÃO
1	Profecia futurística ¹	_____
7	profecia ^{1.1}	Reiteração por repetição
41	profecia ^{1.2}	Reiteração por repetição
2	.Zweig ²	_____
4	.Zweig ^{2.1}	Reiteração por repetição
41	..Zweig ^{2.3}	Reiteração por repetição
3	Brasil ³	-----
4	nova casa ^{3.1}	Coesão por colocação
4	Entretanto ⁴	Coesão por conjunção
6	deficiência das medidas na luta contra a intolerância religiosa ⁵	_____
8	Problema ^{5.1}	coesão por palavra de sentido geral
9	essa circunstância ^{5.2}	coesão por palavra de sentido geral
13	insuficiente laicidade do Estado ^{5.3}	Coesão por colocação
20	essa situação ^{5.4}	Coesão por palavra de sentido geral
11	discriminação religiosa ⁶	_____
17	preconceito religioso ^{6.1}	reiteração por sinônimo
32	intolerância religiosa ^{6.2}	reiteração por sinônimo

Análise texto 1

É possível notar que houve um equilíbrio quando ao uso das coesões gramatical e lexical. Quanto à gramatical, é efetuada sobretudo por meio da referenciação, com uso do pronome demonstrativo: **nesse** – linha 07, **essa** – linha 09, **isso** – linha 10, **disso** – linha 15, **dessa** – linha 16, **essa** – linha 20, **disso** – linha 25, **dessa** – linha 27, **disso** – linha 35, **essas** – linha 40; Com uso do pronome pessoal: **suas** – linha 07, **seu** – linha 11.

Já quanto à lexical, o candidato pouco recorreu ao recurso da repetição lexical, reativando quatro vezes por meio desse mecanismo, sendo uma duas para o item “profecia” e duas para “Zweig” , com uma repetição para cada item no primeiro parágrafo, momento da introdução e apresentação do tema e outra no final, para retomar a ideia de abertura e fechar a conclusão. Utilizou-se das palavras problema de sentido geral “problema, circunstância e situação”, para retomar a ideia de que no Brasil as leis não são cumpridas e há uma deficiência das medidas na luta contra a intolerância religiosa’ ideia essa, que também é reativada pelo mecanismo da coesão por colocação, por meio da expressão “insuficiente laicidade do Estado” que não é sinônimo, mas adquire efeito coesivo no contexto. Por intermédio da coesão por termos sinônimos, as expressões “ preconceito religioso e intolerância religiosa” são empregados para reativar “discriminação religiosa”. Há ainda o uso de uma conjunção, não com a finalidade de retomar, e sim, dar prosseguimento.

Texto 2

"Tolerância na prática"

A Constituição Federal de 1988 – norma de maior hierarquia no sistema jurídico brasileiro – assegura a todos a liberdade de crença¹.Entretanto², os frequentes casos de intolerância religiosa³ mostram que os indivíduos ainda não experimentam esse direito^{1.1} na prática. Com efeito, um diálogo entre sociedade e Estado sobre os caminhos para combater a intolerância religiosa^{3.1} é medida que se impõe.

Em primeiro plano, é necessário que a sociedade não seja uma reprodução da casa colonial⁴, como disserta Gilberto Freyre em “Casa - Grande Senzala”. O autor ensina que a realidade do Brasil até o século XIX estava compactada no interior da casa-grande^{4.1}, cuja religião era católica, e as demais crenças – sobretudo africanas – eram marginalizadas⁵ e se mantiveram vivas porque os negros lhes deram aparência cristã, conhecida hoje por sincretismo religioso. No entanto, não é razoável que ainda haja uma religião que subjugu as outras^{3.7}, o que deve, pois, ser repudiado em um estado laico^{1.2}, a fim de que se combata a intolerância de crença^{3.2}.

De outra parte, o sociólogo Zygmunt Bauman⁶ defende, na obra “Modernidade Líquida”, que o individualismo⁶ é uma das principais características – e o maior conflito – da pós-modernidade, e, conseqüentemente, parcela da população tende a ser incapaz de tolerar diferenças^{3.3}. Esse problema^{6.1} assume contornos específicos no Brasil, onde, apesar do multiculturalismo, há quem exija do outro a mesma postura religiosa e seja intolerante àqueles que dela divergem. Nesse sentido, um caminho possível para combater a rejeição à diversidade de crença^{3.4} é desconstruir o principal problema da pós-modernidade, segundo Zygmunt Bauman^{5.1}: o individualismo^{6.2}.

Urge, portanto, que indivíduos e instituições públicas cooperem para mitigar a intolerância religiosa^{3.5}. Cabe aos cidadãos repudiar a inferiorização das crenças^{3.6} e dos costumes presentes no território brasileiro, por meio de debates nas mídias sociais capazes de desconstruir a prevalência de uma religião sobre as demais^{3.7}. Ao Ministério Público, por sua vez, compete promover ações judiciais pertinentes contra atitudes individualistas ofensivas à diversidade de crença. Assim, observada a ação conjunta entre população e poder público, alçará o país a verdadeira posição de Estado Democrático de Direito^{1.2}.

TEXTO 2		
	ELEMENTOS USADOS	TIPO DE RELAÇÃO
3	liberdade de crença ¹	_____
5	esse direito ^{1.1}	Coesão por reiteração por hiperônimo/hipônimo
33	Estado Democrático ^{1.2}	Coesão por colocação
3	Entretanto ²	Coesão por conjunção
4	intolerância religiosa ³	_____
6	intolerância religiosa ^{3.1}	Coesão por repetição
16	intolerância de crença ^{3.2}	Coesão por sinônimo
20	incapaz de tolerar diferenças ^{3.3}	Coesão por colocação
23	rejeição à diversidade ^{3.4}	Coesão por colocação
27	intolerância religiosa ^{3.5}	Coesão por repetição

27	interiorização das crenças ^{3,6}	Coesão por colocação
29	prevalência de uma religião sobre as demais ^{3,7}	Coesão por colocação
9	casa colonial ⁴	_____
11	casa-grande ^{4,1}	Coesão por sinônimos
17	Zygmunt Bauman ⁵	_____
25	Zygmunt Bauman ^{5,1}	Coesão por repetição
18	Individualismo ⁶	_____
20	Esse problema ^{6,1}	Coesão por palavra de sentido geral
25	o individualismo ^{6,2}	Coesão por repetição

Análise texto 2.

Nesse segundo texto, a rede coesiva é construída, sobretudo por meio da coesão lexical. O candidato mostrou que o uso da repetição do mesmo item lexical não acarretou prejuízo à coesão textual, pelo contrário, tornou-a mais simples e harmônica, apresentando um rico vocabulário, aplicou em seu texto a coesão por meio de termos sinônimos, e por várias vezes expressões que reativaram pela coesão colocacional. Para completar a coesão, no âmbito lexical, também apresentou o uso da coesão por pares ordenados hiperônimo/hipônimo e conjunção com o sentido de dar prosseguimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema central a força coesiva por meio do léxico. Contudo, sem se desviar do seu foco central, trouxe uma ampla abordagem sobre o mecanismo da coesão, quais as suas funções e como se comporta na estrutura textual, quais as modalidades de coesão segundo a bibliografia consultada e suas especificidades. Analisando redações que obtiveram máxima pontuação na prova de redação do ENEM no ano 2016, o trabalho se propôs a examinar como a coesão lexical está presente em textos que podem indicar uma tendência tanto da forma como a coesão vem sendo ensinada em salas de aula, como também, como é avaliada pela banca examinadora.

Quanto à análise da presença da coesão lexical nas redações analisadas, pôde-se comprovar que de todos os muitos recursos que a modalidade de coesão por meio da semântica fornece, pouco foi utilizado. O uso da reativação por meio do léxico ainda não é um hábito entre os estudantes redatores, ainda está mais para o campo de textos estilísticos que para os acadêmicos. A razão desse pouco uso da modalidade da coesão lexical, segundo a bibliografia aqui empregada pode ser atribuída a dois fatores: menor número de publicações referentes à coesão lexical se comparada à gramatical e ao fato de que até recentemente as propriedades textuais não constavam nos programas de ensino, nem mesmo dos cursos de Letras. Prevaleciam as atividades de formar, de completar e de analisar frases, sempre, na perspectiva puramente morfológica ou sintática e, não na perspectiva do uso funcional.

No que se refere à contribuição da coesão lexical para um texto mais fluido e mais elaborado, a análise das redações deve ser feita separadamente. Na rede coesiva do primeiro texto há um equilíbrio entre o uso da coesão lexical e da gramatical, embora essa redação também tenha alcançado máxima pontuação, ela não apresenta uma textura clara e de fácil identificação da ligação entre os itens referidos e referentes. Já no segundo texto, há um claro predomínio da coesão lexical. O candidato apresenta uma maior riqueza vocabular, permitindo fazer referência por meio de colocação e palavras de sentido geral, tecendo assim, um texto com uma boa variedade semântica.

Em relação ao ensino de redação, há uma tradição de que não se deve referenciar utilizando a repetição do mesmo item lexical, pois esse mecanismo deixaria o texto redundante, circular e mal estruturado. No entanto esse não é o posicionamento da bibliografia empregada neste estudo, ao contrário, a repetição lexical pode ser um bom instrumento coesivo, pois além de funcionar como elo coesão, também exerce o papel de martelar na cabeça do leitor a ideia que o redator pretende passar, e assim ajudar no convencimento. A análise das redações indica que a banca examinadora da prova do ENEM entende que a repetição lexical não traz prejuízo ao texto. Nas redações apreciadas, a repetição foi empregada e os candidatos não foram apenados.

Por todas estas constatações, é possível afirmar que a coesão lexical não se refere à habilidade do redator de arranjar um termo para substituir outro já mencionado, e sim, à possibilidade de, em um campo com infinitas possibilidades, encontrar os itens ou expressões linguísticas que, ao mesmo tempo em que construa a rede coesiva, conduza o leitor em direção à ideia que quer transmitir ou influenciar. O emprego de determinados termos revela atitude e posicionamento diante do assunto. A coesão lexical condiz com a realidade dos tempos modernos, em que a interdisciplinaridade e o conhecimento são cada vez mais valorizados. Na certeza de que este assunto é prolífico e não se esgota aqui, o trabalho cumpre seu objetivo com mais uma pesquisa sobre a força coesiva do léxico e como material que pode auxiliar o professor de Língua Portuguesa que trabalha redação e aprecia o texto bem escrito.

REFERÊNCIAS

- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.
- ANTUNES, I. A coesão como propriedade textual: bases para o ensino do texto. *Calidoscópio*. Vol. 7, n. 1, p. 62-71, jan/abr 2009.
- ANTUNES, I. “O território das palavras.” Parábola: 2012.
- GONÇALVES, L. C. *A coesão lexical*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras - Univ. Minas Gerais. 2000.
- KOCH, V. Questões de coesão e coerências textuais. In *Encontro/Abralin/Unicamp*, Campinas, 1996.
- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Sequenciação textual*. Ler e compreender. Os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. *Progressão textual e argumentação*. São Paulo, Contexto, 2016.
- SCAFUTO, S. M.A. O léxico como elo da coesão textual. Univ. FACE, Brasília, v. 4, n. 1/2, p. 125-135, jan./dez. 2007.